

Festival Internacional de Electroacústica Música Viva 2003

www.misomusic.com

misomusic@misomusic.com

17 de Setembro de 2003 – 22:00
Coimbra – Museu dos Transportes

CONCERTO

Laura Wilcox

VIOLA

Programa

Gyorgy Ligeti - *Hora Lunga (mov.I Sonata)*
(viola)

Carlos Alberto Augusto - *Akinesis*
(viola, recitante, electrónica) - **estreia absoluta**

Isabel Pires - *triformis mundus*
(viola, electrónica em tempo real) - **estreia absoluta**
encomenda do Festival Música Viva

Judith Shatin - *Penelope's Song*
(viola, electrónica) - **estreia absoluta**

intervalo

Orlando Garcia - *Viento Nocturno*
(viola) - **estreia absoluta**

Gerard Grisey - *Prologue*
(viola, electrónica)

Laurie Redford - *arc-as-scar*
(viola, electrónica) - **estreia em Portugal**

Wende Bartley - *Visitation from the Seventh Hathors*
(viola, electrónica) - **estreia absoluta**

INTÉRPRETE

Laura Wilcox

Laura Wilcox estudou na SUNNY – Purchase School of Music em Nova Iorque e na McGill University em Montreal. Estudou com Emmanuel Vardi, Lorand Fenyves, Robert Levin, Charles Castleman, Paul Rolland e John Graham. Estudos posteriores incluíram ensaios com membros dos Quartetos para Cordas Emerson, Julliard, Cleveland e Orford. Recebeu prémios do “Canada Council for the Arts”, da “Chalmers Foundation” e do “Ontario Arts Council”. Para além da maioria do repertório clássico para viola, Laura interpretou também uma série de peças contemporâneas, muitas das quais encomendadas ou escritas para si própria. As suas gravações incluem interpretações para a CBS/Radio Canada no Centro Nacional de Artes em Ottawa, o Glenn Gould Studio, a Music Gallery em Toronto, o Eckhardt-Gramatte Hall no Rozsa Centre em Calgary, Vermont Public Radio, e actuações ao vivo para a Rádio em Tampa, West Palm Beach, Miami e Florida. Wilcox foi uma activa intérprete do “Music Toronto”, do “Mainly Mozart Series” em Miami, bem como doutras companhias no Canadá e nos E.U.A.. Amante incansável da Música de Câmara, Laura foi membro fundador do “Atlantic String Quartet” e actuou com inúmeros grupos de câmara por toda a América do Norte. É igualmente membro do grupo “Trio Nova” para viola, clarinete e piano com o clarinetista, Paul Green e o pianista EdTurgeon. Por outro lado, colabora também activamente num duo para viola e piano com o pianista Jose Lopez, com quem trabalha no sentido de apresentar ao público peças obscuras, novas e antigas, para viola e piano. Laura Wilcox é convidada frequente de um grande número de grupos de música de câmara em Ontario, Quebec, Nova Iorque, Vermont, e Florida. Professora no activo, intérprete de música de câmara, lecciona actualmente viola e música de câmara no Conservatório de Música, na Lynn University, Florida. Os seus CDs estão disponíveis na editora SNE / Allegro.

COMPOSITORES

GYORGY LIGETI

Gyorgy Ligeti nasceu em Dicsoszentmárton (actualmente Tîrnaveni) a 28 de Maio de 1923; filho de pais Húngaros de origem judia, estudou no conservatório de Klausenburg com Ferenc Farkas de 1941 a 1943 e depois, de 1945 a 1949 na Franz Liszt Academy em Budapeste com Ferenc Farkas, Sándor Veress, Pál Járdanyi e Lajos Bárdos. Desenvolveu muito jovem a **micropolifonia**, que mais tarde se tornaria numa das mais marcantes características da sua música. Nas suas primeiras peças, tal como na peça coral a cappella “Éjszaka – Reggel” e assim como no seu primeiro trabalho reconhecido no Ocidente, “Apparitions”, este seu estilo é já claramente visível. Em Dezembro de 1956, depois da revolução húngara, abandona a sua terra-natal por razões artísticas e políticas. Durante o seu trabalho como free-lancer nos estúdios de electrónica da West German Radio em Colónia (1957-58) estuda aprofundadamente a música de Karlheinz Stockhausen, Mauricio Kagel e Pierre Boulez que influenciaram a sua expressão musical no trabalho “Artikulation” (1958). “Artikulation”, bem como a peça “Atmosphères” para grande orquestra (composta em 1961) valeram a Gyorgy Ligeti o imediato reconhecimento na cena musical do Ocidente. Uma longa experiência internacional no campo do ensino conduziram-no à Hamburg Musikhochschule como Professor de Composição (1973-1989). Concretizando uma ideia que o inquietava à algum tempo,

Ligeti concebe um primeiro trabalho de palco de longa-duração: “Le Grand Macabre” (1974-1977) inspirado numa fábula de Michel de Ghelderode.

A técnica de composição polirítmica e complexa de Ligeti, compõem a base dos trabalhos escritos nas décadas de 80 e 90 (por exemplo “Etudes pour Piano”, que começou a compôr em 1985, “Concerto for piano and Orchestra” composta entre 1985 e 1988, o “Concerto for violin and Orchestra” de 1990 a 1992 e “Sonata for Viola Solo” de 1991-94). Inúmeros prémios e distinções constituem as provas de uma alta estima consensual em torno da sua obra, e pessoa enquanto Professor e Mentor de toda uma geração de compositores

Hora Lunga (mov.I Sonata)

CARLOS ALBERTO AUGUSTO

É um jovem compositor de 54 anos... Tem desde 1984 uma actividade constante sobretudo como compositor na área da música para teatro, sendo autor da música e do *design* acústico de mais de trinta peças levadas à cena, designadamente, pelo Teatro da Rainha, Teatro Experimental do Porto, Centro Dramático de Évora e Teatro da Malaposta. Trabalhou com os encenadores Fernando Mora Ramos, Ricardo Pais, Mário Feliciano, Mário Barradas, Paulo Alves Pereira e José Peixoto, entre outros. Fez também incursões pela música para vídeo e multimédia.

Trabalhou em diversos organismos da área do ruído e acústica do Ministério do Ambiente onde desenvolveu actividades de controlo e investigação nos domínios da acústica ambiental e da comunicação acústica. O interesse pela ecologia acústica levou-o a trabalhar com os compositores e investigadores canadianos R.Murray Schafer e Barry Truax. Com este último trabalhou, igualmente, em música de computador no Centro de Música de Computador da Universidade de Simon Fraser em Vancouver (Canadá). Nesta universidade (Departamento de Comunicação) e sob a orientação de Truax completou o mestrado (Master of Arts) centrado na área da hipermedia, com uma tese intitulada “Thought, Expression and Hypermediacy”. Multimédia e hipermedia são de resto domínios onde exerce presentemente uma parte da sua actividade, quer como consultor, quer como autor e produtor. Parte da sua investigação situa-se neste momento na ligação destas áreas à música e é levada a cabo no estúdio privado que dirige, *Euphonium*.

Destaque especial merece a colaboração que manteve com a compositora Constança Capdeville em várias obras de música, teatro, teatro-música e bailado, como seu assistente e como instrumentista.

Prepara neste momento uma nova peça de teatro-música para o *Drumming*, *Grupo de Percussão*, uma ópera intitulada “Atlântico” baseada na peça homónima de Abel Neves e um espectáculo de teatro de marionetes-música sobre as fábulas de La Fontaine.

Akinesis

O texto foi extraído do livro *The Parable of the Beast* de John Bleibtreau.

A peça escrita em 2001 situa-se num género de teatro-música, muito caro ao autor e é a primeira de um ciclo que o autor promete dedicar a este género no futuro próximo.

De facto Akinesis é uma micro-peça de teatro em que o "drama" resulta mais da tensão criada entre a acção física de tocar o instrumento e a acção física de falar por parte do próprio instrumentista, do que da existência de um texto, no sentido em que este é entendido no teatro de texto da tradição ocidental.

A parte electrónica, totalmente baseada nos sons da viola e da voz da violetista Laura Wilcox (a quem a peça é dedicada), constitui uma espécie de "banda sonora" desta peça imaginária e foi realizada inteiramente com o sistema Kyma/Capybara nos Estúdios Euphonium.

ISABEL PIRES

Isabel Pires nasceu em Portugal em 1970. Concluiu a sua licenciatura na Escola Superior de Música de Lisboa no ano 2000, e o DEA (mestrado) em 2002 no departamento de música da Universidade Paris VIII onde prepara actualmente o doutoramento sob a direcção do Professor Doutor Horacio Vaggione. Seguiu diversas conferencias e estágios com, entre outros, Karlheinz Stockhausen, Bernard Parmegiani, J.-C. Risset, Cort Lippe, Eduardo Reck Miranda, Eero Tarasti, Henri Pousseur, James Dashow, Claude Ledoux. Interessa-se especialmente pela inter-relação entre a música e a tecnologia.

As suas obras musicais incluem música instrumental, música electroacústica sobre suporte e música mista tanto para instrumentos e banda magnética como para instrumentos e electrónica em tempo real.

Das suas obras, escritas após 1998, evidenciamos : «SEPTETO» (1998) – 2 flautas, 4 clarinetes e piano ; «...PARA DOIS BOMBARDINOS» (1999) – 2 bombardinos ; «IMAGENS» (1999), violoncelo e banda magnética ; «LAMENTO» para banda magnética ; «VIAGENS DA MINHA TERRA – Homenagem a Garrett» (2000), 31 instrumentistas e 1 recitante ; «MISERERE, OU UMA ESTRANHA AUSENCIA» (2001) – voz, figurante e electrónica em tempo real ; «RÉFLEXIONS INTEMPORELLES...» (2002) – clarinete (baixo e em sib), percussão electrónica em tempo real ; «ESTRANHAS PRESENÇAS QUE JÁ NÃO EXISTEM» (2002) – Banda magnética. «MÉDITATIONS INTIMES» (2003) – flauta, trombone, marimba e «INCERTITUDE» (2003) – clarinete baixo, violoncelo e vibrafone.

Triformis mundus

Triformis mundus, é a expressão latina para Terra, Mar e Ar, os três elementos do mundo natural. *Triformis mundus*, é uma obra tripartida mas cuja complementaridade e a fusão das partes assim como a fluidez do discurso contribuem para a geração de um mundo que, tal como o mundo natural, natural é assimétrico, imprevisível e em constante mutação.

JUDITH SHATIN

A música de Judith Shatin têm sido classificada como "exuberante e cativante, cheia de detalhes imaginativos" (San Francisco Chronicle). A compositora combina regularmente, meios acústicos com meios digitais como na peça *Elijah's Chariot*, encomendada e apresentada em digressão pelo Kronos Quartet ou a peça *Three Summers Heat* para soprano e electrónica, gravada por Susan Narucki. Shatin compõe peças interactivas, das quais faz parte *Sea of Reeds*, para clarinete amplificado e electrónica em tempo real e levada em digressão por F. Gerard Errante. Judith Shatin recebeu encomendas da Ash Lawn Opera, Barlow Foundation, Currents, do Dutch Hexagon Ensemble, National Symphony e da Women's Philharmonic. A sua obra está editada pela Centaur, CRI, Neuma, New World e pela Sonora, a sua música é editada por Arsis Press, C.F. Peters e Wendigo Music. Esta compositora já participou em residências em Bellagio,

Brahmshaus, La Cité des Arts, Mishkan Amanim e, nos E.U.A na MacDowell, no Virginia Center for the Creative Arts, e em Yaddo. A sua música é amplamente tocada por diversos ensembles, incluindo o Denver, Houston, Minnesota, National e Richmond Symphonies; Chamber Music Society of Lincoln Center, Core Ensemble e Da Capo Chamber Players. Os prémios que recebeu incluem quatro National Endowment for the Arts Fellowships, bem como os prémios do American Music Center, Meet the Composer, e da Virginia Commission for the Arts. Teve ainda um patrocínio do programa Lila Wallace-Readers Digest Arts Partners para uma retrospectiva de dois anos sobre a sua música, a qual culminou no seu oratório *folk, COAL*, composto para o coro Appalachian ensemble, electrónica e sintetizador, com o seu próprio libretto. Na última época, a Wintergreen Performing Arts, encomendou a peça *Singing the Blue Ridge*, para mezzo, barítono, orquestra e electrónica feita a partir de sons de animais selvagens. Estudou no Douglass College (Phi Beta Kappa, AB), na Juilliard School (MM) e na Princeton University (Ph.D); foi duas vezes uma Crofts Composition Fellow em Tanglewood. Actualmente, Shatin é professora júnior de William R. Kenan e directora do Virginia Center for Computer Music na University of Virginia.

Penelope's Song

Penelope's Song foi inspirada pelo épico de Homero, *A Odisséia*, que narra as tarefas de Ulisses. Também narra sobre a sua mulher, Penélope, deixada na terra natal e a quem os muitos pretendentes cercavam, cheios de arrogância e ganância, aproveitando-se da longa ausência de Ulisses. Ele esteve ausente durante vinte anos, primeiro na guerra de Tróia, e depois, mais dez árduos anos devido à cólera de Poseidon. Para afastar os pretendentes, Penélope disse que apenas escolheria um quando acabasse de tecer um manto para o velho pai de seu marido, Laertes. Mas como desfazia à noite o que tecia durante o dia, ela nunca, claro acabou o manto. E assim esperava activamente pelo regresso de Ulisses. Esta peça é um tributo a Penélope, e canta as suas próprias aventuras. A parte electrónica foi criada a partir de registos de uma tecedeira local a trabalhar num tear de madeira. Este material foi depois processado e moldado, tecendo um novo pano sonoro através do uso do Rtcmix, com o Linux. Esta versão do Rtcmix inclui extensões criadas no Virginia Center for Computer Music, na University of Virginia por John Gibson, John Roads e o director-técnico de VCCM, Dave Topper.

ORLANDO JACINTO GARCIA

Orlando Garcia estabeleceu-se como uma figura importante no mundo da nova música, através de centenas de trabalhos compostos para um grande leque de géneros de performance. O carácter distintivo das suas músicas têm sido descritos como “explorações sonoras assombrosas suspensas no tempo” com “uma certa firmeza e rigor pouco frequente em música deste tipo” – estas qualidades foram desenvolvidas nos seus estudos com Morton Feldman, entre outros. Garcia nasceu em Havana, Cuba em 1954 e emigrou para os Estados Unidos em 1961. Muito procurado como compositor convidado e conferencista em festivais nacionais e internacionais, possui numerosos prémios e honras de variadas organizações e instituições culturais, cujas mais recentes incluem Nuevas Resonancias, American Composers Forum Sonic Circuits, e os Prémios Salvador Martirano, o State of Florida Composers Fellowship, diversas residências Rockefeller e Fulbright, bem como categoria de membro nas Fundações Dutka e Cintas. Com performances nas maiores capitais do mundo, as suas peças têm sido interpretadas por distintos solistas, ensembles e orquestras.

Os seus trabalhos foram gravados na O.O. Discs, CRI (Emergency Music and eXchange labels), Albany North/South, CRS, Rugginenti, Capstone e Opus One Records e estão disponíveis na Kallisti Music Press, BHE e North/South Editions.

Orlando Garcia é director e fundador de inúmeros festivais internacionais incluindo o New Music Miami Festival e o Music of the Americas Festival

Actualmente é Professor de Música e director do programa de Composição e dos Estudos Superiores na School of Music da Florida International University.

Viento Nocturno

Viento nocturno (vento da noite ou da tardinha) foi concluída no verão de 2002 a pedido da violinista canadiana Laura Wilcox, que queria uma nova versão desta peça mas para viola e fita, *como los colores del viento nocturno*. Semelhante à peça de viola e fita, *viento nocturno* requer que o solista actue com pequenos instrumentos de percussão (neste caso a serem seleccionados por ele em oposição às chaminés ventosas presentes na versão para fita e viola). Uma vez que não existe a parte da fita, os vários registos e timbres disponíveis na viola são bastante mais explorados no trabalho solo, enquanto o executante pode mostrar ao máximo, o seu som. Tal como a maior parte dos trabalhos deste compositor, esta peça é calma e delicada e requer um grande controle do executante. O contraponto entre registo, timbre, densidade e andamento assim como uma lenta evolução dos materiais constituem as principais preocupações estéticas.

GERARD GRISEY

Gerard Grisey estudou música no Trossingen Conservatory, na Alemanha entre 1963-65 e depois no C.N.S.M em Paris entre 1965-72, onde demonstrou um interesse particular nos cursos de composição instruídos por O. Messiaen. Na mesma altura estudou com H.Dutilleux na École Normale Supérieure de Musique e frequentou, em Darmstadt, seminários de K. Stockhausen, G. Ligeti e I. Xenakis. Iniciou igualmente, estudos de electroacústica com Jean-Etienne Marie e acústica com E. Leip na faculdade de Ciências de Paris. Em 1972 e 1974, através da atribuição de uma bolsa de estudo, estudou na Villa Medici, em Roma e em 1980 frequentou o I.R.C.A.M sendo depois convidado a integrar o D.A.A.D em Berlim. Grisey orientou, frequentemente, seminários em composição, em Darmstadt, no IRCAM, na Scuola Civica em Milão e num grande número de universidades Americanas. De 1982 a 1986, ensinou na University of Berkeley na Califórnia e desde 1986 ensinou composição no Conservatoire National Supérieur, em Paris. Tem recebido várias encomendas por parte de vários órgãos internacionais e as suas peças fazem parte, com frequência, da programação de festivais, estações de rádio e temporadas de concertos dos mais importantes ensembles europeus e norte americanos. Algumas das suas peças: *Dérives* (1973-74), *Partiels* (1975), *Prologue* (1976), *Modulations* (1976-77), *Jour contre-jour* (1978-79); *Tempus ex-machina* (1979), *Transitoires* (1980-81), *Les Chants de L'Amour* (1982-84), *Epilogue* (1985), *Talea* (1986), *Accords perdus* (1987), *Le Temps et l'écume* (1988-89), *Le Noir de l'Étoile* (1989-90). Discografia: Point-Radiant: *Initiation* LPL 3200; Erato: *Partiels*, *Dérives* (maestros Jacques Mercier e Boris de Vinogradov) STU 711 57; *Modulations* (maestro Pierre Boulez) CD 88263; STU 71544; Fonit Cetra: *Anubis-Nout* (clarinete baixo-duplo Harry Sparnaay) ITL 70103.

Gérard Grisey faleceu em 1998.

Prologue (1976)

“Prologue”, para viola solo demonstra, quase com uma clareza didáctica, a composição espectral que uma Viola é, quando analisada como geradora de sons harmónicos. Uma vez que grande parte das peças para solos de instrumentos de cordas tendem a explorar o potencial polifónico do instrumento, e a usar as duas mãos para estabelecer estruturas separadas nas diversas cordas, Grisey, por sua vez, trata a viola como um instrumento monocórdico moderno. A frase de abertura, repetida várias vezes, mostra dois elementos-chave no trabalho – um grupo de cinco notas ao qual um Si é adicionado e repetido periodicamente, como um “bater do coração”. Estas seis notas têm origem na frequência fundamental do espectro harmónico de base (uma nota que, de facto, nunca é ouvida). A relação entre um e outro é o terceiro, quarto, quinto, sexto, sétimo e nono sons harmónicos de Mi. “Prologue” possui uma forma cíclica construída em volta de uma repetição com variações que se expandem em espiral, um dos meios favoritos de Grisey.

À medida que o grupo se expande, a ordem das cinco notas muda, uma por uma, mais sons harmónicos são adicionados, até atingir o 72º harmónico (seis oitavas mais um tom inteiro acima da fundamental). Este desenvolvimento é constantemente interrompido pelos “bater do coração” de Si, que também são infinitamente variáveis, enquanto uma ressonância é gradualmente inserida na qual os últimos sons da frase parecem recuar, coloridos por micro-intervalos. Ao mesmo tempo o espectro é distorcido por sons harmónicos “falsos”, que disturbam a harmonia, *glissandos* e *tremolos* mancham os sons, que eram previamente tão claros. E o tremolo áspero do espectro 72º, torna-se parcialmente em mero barulho que não pode ser definido no espectro. A este paradoxo segue-se a calma, que nunca será um meio de voltar ao ponto de partida e, através de um modo hábil de modulação espectral, a peça termina num novo centro harmónico, Ré.

Laurie Radford

Laurie Radford é um compositor canadiano, que se especializou na criação de música para Ensembles instrumentais e vocais, bem como na criação diversificada de música electroacústica. O seu trabalho recente inclui composições para orquestra, instrumentos a solo, coro, trabalhos acusmáticos e composições que se baseiam designadamente no processamento de sinal controlado por computador e no controlo de performances em tempo-real. Radford estudou música, composição e tecnologias musicais em diversas instituições: Brandon University, British Columbia University, McGill University, Banff Center for the Arts, Ateliers UPIC (Paris) e frequenta também o cursos de Nova Música de Darmstadt. A sua obra tem sido apresentada e difundida por todo o Continente Americano, o Continente Asiático e ainda no Continente Europeu. Recebeu várias encomendas e projectos de variedíssimos ensembles tais como o “Le Nouvel Ensemble Moderne”, o “Ensemble Contemporâneo de Montreal”, a “Esprit Orchestra”, o Ensemble Resonance, Code D’Acces, Tranquen’art, Groundswell, ISCM (Varsóvia), Pro Coro Canada, Concerts M, Jean-François Guay, Laura Wilcox, Jean-Guy Boisvert, Resound Festival, Cantai Dance-Music Festival (Taipei), Musiques En Scene (Lyon), Trio Fibonacci, o Winnipeg & Edmonton Symphony Orchestras. A sua obra foi premiada pelo SOCAN, no Kaszmierz Serocki Composition (Varsóvia) e no WSO New Music Festival Composer’s Competition. Laurie Radford foi professor na Universidade de Concordia, na Universidade de Bishop’s e na Universidade de McGill. Actualmente ensina música electroacústica, tecnologias musicais e composição no Departamento de Música da Universidade de Alberta e é Director do UOFA, Estúdio de Música Electroacústica. É também membro da Comunidade Electroacústica Canadiana (CEC), da Liga Canadiana

de Compositores (CLC), da Associação Internacional de Música por Computador (ICMA), da Sociedade de Música Electroacústica Borealis (BEAMS), e é sócio afiliado da Sociedade de compositores, Autores e Editores Musicais do Canadá (SOCAN).

arc-as-scar (2001)

Na preparação da escrita desta peça, fui assomado pela imagem, um tanto abstracta, de um arco ou archo que, à primeira vista, se assemelhava a uma forma doce, geometricamente arredondada, que se esboçava no horizonte ou no céu. Uma análise mais aproximada viria a revelar arestas incertas, desalinhadas, como que *desfiguradas*.

A aproximação a um objecto ou situação influencia a percepção e, em última instância, a própria reacção que se tem com esse objecto. Experimentamos esta “*tradução da distância*” na nossa percepção de eventos quotidianos, relações pessoais e no nosso entendimento da história passada e recente, dos eventos globais e locais, das interacções familiares e sociais. Em *Arc-As-Scar*, a proximidade a um estado sónico específico dirige e modela as energias e direcções dos materiais musicais. Certos estados-alvo desenham a música através de níveis transitórios até atingirem um estado de realização, em que, a cada novo ponto, novos estados-alvo são definidos e atingidos. As várias interacções estabelecidas entre a viola e os materiais electroacústicos são explorados durante o trabalho. A aproximação da vertente electroacústica ao violista é realçada pelo facto de que a maioria dos materiais do segundo originam os sons do primeiro, então captados, e posteriormente fragmentados e transformados.

Arc-As-Scar foi uma encomenda da violista Laura Wilcox, com o apoio da Alberta Foundation for the Arts.

WENDE BARTLEY

Wende Bartley formou-se na Universidade de McGill (Canada) em 1989 com um Master em “Composição Musical” e recebeu vários prémios e encomendas do CANADA COUNCIL, ONTARIO ARTS COUNCIL, TORONTO ARTS COUNCIL e da FUNDAÇÃO LAIDLAW.

Actualmente ensina “Artes Sonoras Avançadas” no COLLEGE of ART and DESIGN (Ontario). A sua obra está editada pela “empreintes digitale” entre outras editoras. Recentes encomendas e performances incluem dois trabalhos de electroacústica para espacialização em 8-pistas – “*Visitation from the Seven Hathors*” para a violista Laura Wilcox, e “*An Underbelly*” co-composto com o clarinetista baixo Lori Freedman; o teatro musical electroacústico “*The Girl With No Door On Her Mouth*” para o médio soprano Fides Krucker; “*In Nah Mee Neh*” para o Numus Ensemble; e “*Electric Flesh*”, uma ópera de um só acto para mezzosoprano, barítono, dança e electroacústica, encomendado pelo Autumn Leaf Performance e estreada em Março de 2000 no Festival Musiques en Scene, em Lyon, França. A sua peça espacializada, em 8-pistas “*Dreamspin*” foi concluída aquando da sua estadia como residente nos estúdios CREATE na UCSB e foi apresentada internacionalmente. Encomendas recentes incluem um coro electroacústico para o Festival de ELORA SINGERS; um trabalho para a soprano Janice Jackson com libretto de Claudia Dey; e ainda uma série de trabalhos audio para a rádio, explorando as sonoridades históricas, ambientais e culturais da ilha de Toronto. Ao longo da sua carreira como compositora, Wende Bartley tem investigado texturas sonoras no que reporta a histórias do colectivo feminino, desenvolvendo novas texturas tímbricas enquanto que ao mesmo tempo deu voz à experiência cultural feminina. O seu trabalho mais recente debruçou-se sobre a exploração da voz como

elemento sagrado de comunicação criando um campo de energia sonora pela conexão da voz e respiração, despertando as fontes de toda a estrutura corporal pela vibração do som.

Visitation from de Seven Hathors (2002)

Vozes pré-gravadas: Wende Bartley and Kate Van Doorne

Numa altura em que andava a explorar tradições misteriosas tanto do Mediterrâneo, como das regiões do Nilo, fui, certo dia, inesperadamente “visitada” enquanto improvisava com a minha própria voz. Esta “visita” tomou a forma, a forma sónica de uma voz profunda “low-bellied”, fazendo-se acompanhar por uma sensação de chifres a irromper a minha cabeça.

Hathor – Deusa egípcia da Antiguidade – Senhora dos Cornos – Mística incorporação do Sete – Arquétipo que se manifesta pela vibração sónica (“Hathor – ancient Egyptian goddess – Lady of the Horns – Mystical embodiment of Seven – Archetype manifest through sonic vibration.”)

Sons vocais, processados e por processar, compõem a espinha dorsal do material pré-gravado para “Visitation from de Seven Hathors” e conduziram à composição de gestos determinados para o intérprete. Eventualmente uma terceira presença emerge – a de uma voz, templária, da Antiguidade interpretada por Kate Van Doorne. Ela transporta-nos a uma eufórica e entusiástica fusão de mundos.

Fertilidade – Declínio – União do Devir e do Perpétuo – Alinhamento sónico da divindade e da humanidade – o inaudível, feito audível.